

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 93

Data: 06.10.87 Pg.: _____

A Kÿiré volta aos Krahô

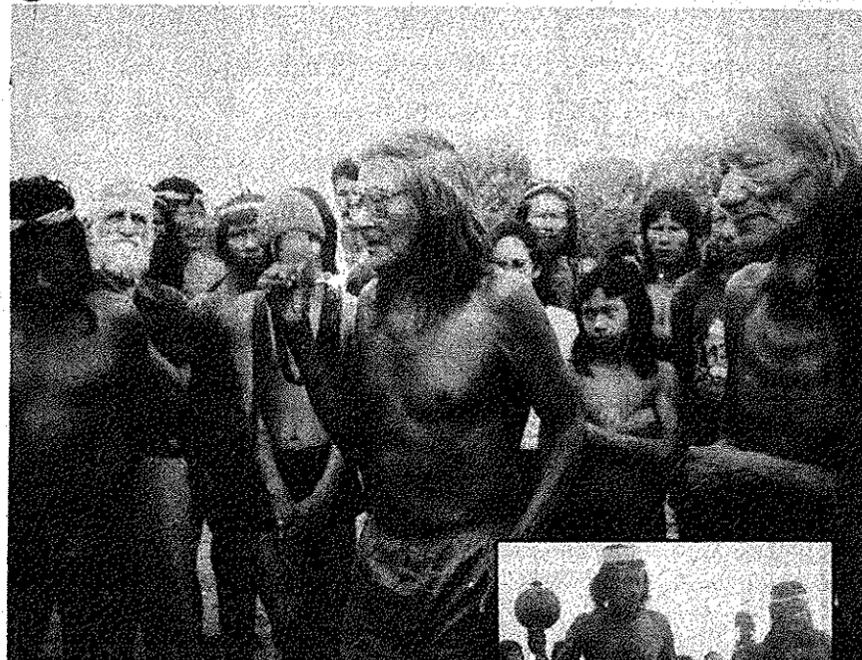
*Maria Auxiliadora Pinheiro
e Elizabeth Hirata*

De posse do seu mais antigo símbolo sagrado, a Kÿiré, um machado cerimonial de pedra polida, os índios Krahô reviveram com danças, cânticos e corrida de tora, nos dias 26 e 27 passados, a magia que esse instrumento representa para essa tribo, desde o surgimento da nação Krahô, há mais de cinco mil anos. Separada de seu convívio há mais de 40 anos, foi recuperada somente em 86, por meio de um termo de comodato passado pela Universidade de São Paulo, que a adquiriu em 1947 através do antropólogo Harald Schultz, e integrado, desde então, ao acervo do Museu Paulista daquela Universidade.

No domingo, dia 27, entre o mágico e o real, aconteceu o grande momento da festa, que teve início uma semana antes. A Aldeia Pedra Branca, palco dos acontecimentos, vivia seu dia de glória. Os Krahô com seus corpos pintados de urucum e jenipápo, jornalistas, estudiosos, funcionários do governo estadual e da Funai, missionários com seus cabelos "à la Krahô", e dezenas de curiosos de toda a redondeza esperavam a Kÿiré.

Ao nascer do sol, todos os homens banharam-se, simbolizando o expurgo das impurezas exigido pelo ritual. Em seguida, saíram do ka (pátio central da aldeia) de braços levantados, mãos espalmadas, cantando e marcando ritmo com os pés até a casa do cacique Pedro Penô, onde é guardada a kÿiré. Lá, Atorkô, um velho conselheiro da tribo, traz a Kÿiré e, levantando-a, fala a seu povo sobre toda história e significado da machadinha.

Atorkô entrega a Kÿiré ao cacique Pedro Penô, que dá início, no ka, aos cantos e danças imemoriais que só podem ser executados com aquele símbolo sagrado. Num evidente reflexo da influência da cultura dominante, os índios hastearam a bandeira nacional e os cânticos e danças prosseguiram ao seu redor até tarde. A festa não acabou aí. A tradicional corrida de tora entre as partes "peixe" e "lontra" aconteceu à



*Penô
fala
sobre
o
significado
da
Kÿiré*



*Com a Kÿiré,
voltam os
cantos*

tarde e as festividades só foram arrematadas ao amanhecer do outro dia.

Foi uma semana de festejos, muita carne, farinha e recordações antigas, tempos em que fartura e alegria eram fatos comuns no dia-a-dia Krahô. Com a Kÿiré de volta, os Krahô esperam um novo tempo pela frente.

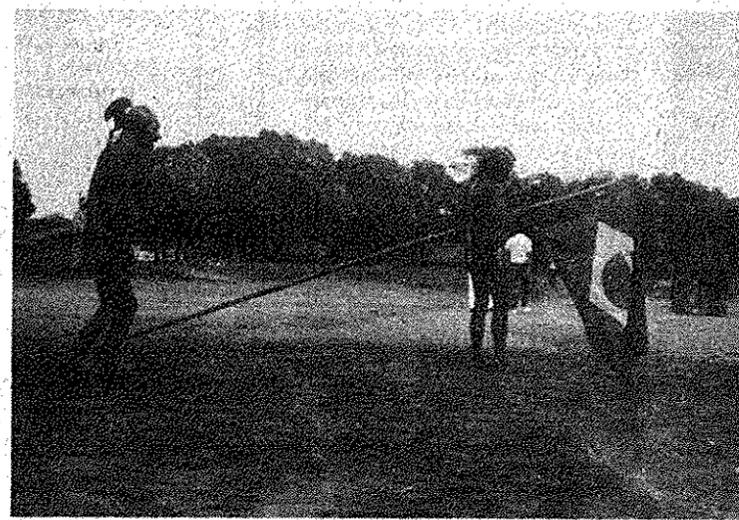
A Kÿiré é uma pedra pré-histórica, do período neolítico, que os Krahô veneram como objeto ritual, desde tempos remotos. Sua importância para os índios reside no fato de acreditarem ter sido a machadinha obtida pelo herói cultural do grupo, Hartant, do espírito Txói.

Sua posse e uso estão associados à paz e a uma série de cantos de grande importância no ciclo ritual que, sem ela, não podem ser cantados.

Quanto ao paradeiro da peça no Museu Paulista, a USP relata que esta foi adquirida através do antropólogo Harald Schultz que a encontrou de posse de um branco em Pedro Afonso, cidade próxima à reserva e, reconhecendo seu valor etnográfico, adquiriu-a para o museu. Mas, o cacique Pedro Penô, 72 anos, atual guardião da Kÿiré, conta a história diferente. Fala que a machadinha foi adquirida pelo estudioso na Aldeia Pedra Branca, diretamente de três índios que, à revelia da comuni-

dade, trocaram-na por uma espingarda. Penô, rapaz naquela época, diz que nunca esqueceu o destino que o antropólogo disse dar à peça: ficaria guardada no Museu. Nunca esqueceram e, quando perceberam que os jovens já estavam perdendo a tradição, foram buscá-la. "A machadinha está ligada aos nossos costumes que vem desde o tempo de nossos avós, costumes que não podemos esquecer, não podemos largar, não podemos perder. Agora temos a Kÿiré e podemos fazer tudo que os antigos faziam", concluiu.

A recuperação da Kÿiré significa o próprio resgate da tradição e do passado da nação Krahô, condição



Contraste de culturas na mais resistente tribo de Goiás às influências da civilização



A tradicional corrida de tora

primordial nessa luta que estão travando contra a ameaça de seu aniquilamento como povo. Ao devolver a Kÿiré à comunidade indígena Krahô, a USP abdicou de um ato de preservação de um objeto cultural em função da recuperação de uma tradição dessa nação, a fim de que não houvesse uma inversão de valores, pois destruiria no objeto o que é fundamental para o seu conhecimento, isto é, o seu significado.

Toda essa história de dimensão nacional inspirou a autora Ivani Ribeiro, da Globo, a criar o personagem Chico, na novela *Hipertensão*, interpretado pelo ator Stênio Garcia e levada ao ar em 86. Chico

representou um índio Krahô à procura da Kÿiré, quando então foram mostrados vários aspectos da cultura Krahô, por muitos contestada, por não corresponder à realidade dessa tribo. A evidência que a novela deu ao caso fez com que aumentassem as expectativas quanto a essa grande festa de reintegração da Kÿiré aos Krahôs. Assim é que, muitos moradores da cidade vizinha foram até a aldeia pensando encontrar o "Chico".

Os 991 índios Krahô vivem numa área de 320 mil hectares, distribuídos nos municípios de Itacajá e Goiatins, no norte de Goiás. Pertencem ao grupo étnico dos Timbira e ao grupo linguístico Gê. Apesar de manter contato com os brancos há quase 200 anos, caracteriza-se como a mais resistente tribo de Goiás às influências culturais da civilização envolvente.

Seu regime familiar é o elementar, caracterizado como uma unidade de produção e consumo que tem, na divisão de trabalho, critérios de sexo e idade, o que pode fazer de cada família, uma unidade econômica autônoma. A regra de residência é uxorilocal, ou seja, a família é composta por um casal, os maridos e filhos de suas filhas.

A agricultura é baseada na economia de subsistência, tendo como produção básica o arroz e a mandioca, atividade das mulheres, e a caça, quase extinta na região, de dedicação exclusiva dos homens. Com vistas a assegurar aos Krahô sua auto-suficiência alimentar, Nivon de Carvalho e Silva, superintendente da Funai, em Goiás, informou, para breve, a implantação de um projeto de piscicultura, aliado a bovinocultura.

Com a terra já assegurada por demarcação, os índios Krahô convivem em harmonia com as populações de Goiatins e Itacajá, que lhes permitem mobilidade e intercâmbio diariamente nessas cidades. Esse bom relacionamento se fez presente na festa da reintegração da machadinha, pela colaboração desses municípios com a Administração Regional da Funai, em Araguaína, no apoio do evento.

Maria Auxiliadora Pinheiro e Elizabeth Hirata são assessoras de Comunicação Social da Funai.